

# **A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO**

JEFFERSON ANDRÉ DE JESUS CORREDOR

## **RESUMO:**

A obra infantil de Monteiro Lobato configura-se como referência básica para entendermos a representação do negro na literatura infantil-juvenil brasileira.

Devido às características “pedagógicas” ou militantes dos livros do “Sítio do Picapau Amarelo”, a ficção lobatiana traria consigo alguns dados relevantes quanto ao lugar que pessoas consideradas “negras” ocuparam no imaginário nacional. É o que afirmam pesquisadores de uma vertente de estudo que se detêm no valor realista de sua representação do negro. Outra linha de pesquisa, até agora pouco explorada, seria a que visa a interpretar, como estrutura ficcional, o recorte e a caracterização elaborados por Lobato na retratação de seus personagens negros. A análise mais comum sobre o negro na literatura infantil de Lobato recorre a critérios como veracidade e realismo, o que sem dúvida reduzem muito sua construção enquanto “literatura”.

Por isso, o presente artigo propõe-se a analisar a estrutura de sua ficção, procurando estabelecer especialmente a funcionalidade que os personagens negros receberiam em sua proposta artística.

Se quisermos questionar a literatura infanto-juvenil brasileira, tendo como objetivo o levantamento e a análise de seu discurso racial, a obra infantil de Monteiro Lobato configura-se como referência básica: dentre as muitas inovações que propunha, ela marcou a produção nacional de livros destinados a crianças por travar um diálogo contínuo com a cultura e realidade brasileiras do início do século XX.

De fato, o Sítio do Picapau Amarelo, espaço privilegiado para alguns dos maiores embates ideológicos de seu criador, apresenta-se como um ambiente em particular útil para compreendermos a abordagem que o tema recebe nos livros infantis a partir da segunda década do século passado<sup>1</sup>. Porque, se *a priori* a obra infantil de Lobato foi composta como *projeto* artístico, ela também traduz anseios pedagógicos, econômicos, filosóficos e políticos, pois colocava em dúvida assuntos diretamente relacionados com a sociedade de então, como a excessiva burocracia do Estado, a injustiça e o subdesenvolvimento, ao mesmo tempo em que incentivava a independência, a iniciativa e o senso crítico em seus pequenos leitores.<sup>2</sup>

Inicialmente, traçando um panorama sobre a produção “adulta” de Lobato, notamos uma certa constante na representação

---

<sup>1</sup> A esse respeito, ver VASCONCELLOS, 1982.

<sup>2</sup> As cartas do autor compiladas em *A Barca de Gleyre* testemunham algumas das motivações presentes na gênese do projeto lobatiano por uma literatura que “transmitisse o sentimento das coisas da terra” às crianças. (LOBATO, 1959. volume I, p. 104)

de seus personagens negros. Há pelo menos três contos nos quais os quadros pintados sobre eles são terrivelmente semelhantes. São eles *Negrinha*, *Bugio Moqueado* e *O Jardineiro Timóteo*.<sup>3</sup> Nesses contos, o negro retratado é aquele aguilhoado a uma existência servil que, diferente daquele identificada na interpretação sublimatória proposta por Gilberto Freyre<sup>4</sup> para a relação entre brancos e negros, recebe tons de verdadeira tragédia. Os três enredos possuem, em especial, um ponto em comum: em todos eles o negro está subjugado à figura de *status* social superior que de certa forma determina sua morte, em situações que remetem a um país em processo de modernização ainda preso ao modelo escravocrata de convívio social. O episódio da triste morte do velho e caprichoso jardineiro à chegada dos novos patrões, com seus planos de modernizar o jardim, é eloqüente.

A breve digressão em direção à obra “adulta” de Lobato justifica-se na medida em que estabelece um referencial sobre a população negra em sua ficção: através de um estilo que “misturava o senso moderno dos problemas a um naturalismo já superado, em contos ordenados em torno da anedota-chave”<sup>5</sup>, o autor representa indivíduos de caracteres pitorescos inseridos, em geral, no *Brasil rural*, que nos sugerem as deficiências provenientes do

---

<sup>3</sup> Cf. LOBATO, 1946.

<sup>4</sup> Sobre as implicações da teoria da “democracia racial” no pensamento brasileiro, em um estudo agudo sobre as correntes de teorias raciais presentes no país, ver GUIMARÃES, 2002.

<sup>5</sup> Cf. CANDIDO, 2004. p. 86.

atraso dessas regiões e a brutalidade das relações humanas que ali se dão.

Nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, a representação do negro é sem dúvida mais “suave”, apesar de vultos de violência serem entrevistados em diversas narrativas<sup>6</sup> e da intolerância nos insultos da boneca Emília à tia Nastácia. A seguinte fala da boneca presente em *Histórias de Tia Nastácia*, apesar da silhueta piedosa, usa da lógica de um típico discurso racista:

“– Bem se vê que é preta e beiçuda! Não tem a menos filosofia, esta diaba. Sina é seu nariz, sabe? Todos os viventes tem o mesmo direito à vida, e para mim matar um cordeiro é crime ainda maior do que matar um homem”.<sup>7</sup>

Ao atribuir a posição intelectual de tia Nastácia à cor de sua pele (como índice da raça negra), o autor, através de Emília, divulga inconscientemente ou não princípios teóricos utilizado para legitimar a hierarquização das raças<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. LOBATO, 1969, p. 91.

<sup>7</sup> *Idem.* 1957, p. 132.

<sup>8</sup> “De fato, as classificações raciais a partir de critérios morfológicos e medidas, sobretudo, cranianas, levaram à hierarquização baseadas na associação entre características anatômicas e “qualidades” ou “defeitos” de natureza moral, cultural, social etc; para afirmar a superioridade dos brancos europeus sobre os demais raças – o negro, quase sempre, era situado mais perto da animalidade.” (SEYFERTH, 2002).

Nesses livros, as exposições acerca de *raça e sociedade* deixam transparecer, por meio de tia Nastácia e tio Barnabé, idéias bem definidas do autor sobre o negro no Sítio. Em um primeiro momento, fica estabelecida a íntima ligação entre *raça negra, camada social dependente e mentalidade conservadora*. Ambos os negros serão qualificados como representantes do *arcaico*; e nenhuma outra personagem se aproximará tanto da definição de *povo* como tia Nastácia:

O povo ... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (LOBATO, 1957, p. 110)

Interpretar o significado dessa imagem específica do negro no universo ficcional infantil de Lobato tem sido uma questão que recebeu, *grosso modo*, respostas de duas ordens: uma que a remete à sociedade brasileira da época, outra que a relaciona a concepções do autor sobre as raças.

Tradicionalmente, os críticos de literatura entenderam a ficção lobatiana como um estandarte do publicista engajado na divulgação dos problemas *reais* do país – daí a importância que conferem a seu realismo, como se ele refletisse o desejo de mostrar a “verdade inteira” – , uma espécie de denúncia crua do país. Em 1979, Alfredo Bosi assim resumia a produção de Lobato:

Ele foi, antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental da nossa gente. E esse pendor para a militância foi-se acentuando no decorrer de sua produção literária, de tal sorte que às primeiras obras narrativas (*Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha*) logo se seguiram livros de ficção científica à Orwell e à Huxley, de polêmica econômica e social, que desembocariam, por fim, na originalíssima fusão de *fantasia* e *pedagogia* que representa a sua literatura juvenil. Moralista e doutrinador aguerrido, de acentuadas tendências para uma concepção racionalista e pragmática do homem, Lobato assumiu posição ambivalente dentro do pré-modernismo. Na medida em que a cultura do imediato pós-guerra refletia o aprofundamento de um filão *nacionalista*, o criador do Jeca mantinha bravamente a vanguarda; com efeito, depois de Euclides e de Lima Barreto, ninguém melhor do que ele soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da Primeira República, que se arrastava por trás de uma fachada acadêmica e parnasiana. Nessa perspectiva, Lobato encarnou o divulgador agressivo da Ciência, do progressismo, do “mundo moderno (...)” (BOSI, 1979, p. 242)

Para o crítico, sua ficção tende mais ao que entenderíamos como “militante” do que a uma prosa com motivações estéticas.<sup>9</sup> A inovação do autor, contudo, teria se dado exatamente por isso; ele foi o primeiro a expor abertamente às crianças temas de abrangência nacional e universal, como o preconceito racial:

- Dona Benta está se arrumando, depois que soube que as princesas viriam. (...) Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.
- Que não seja boba e venha – disse Narizinho. Eu dou uma explicação ao respeitável público. (...)

---

<sup>9</sup> Cf. BOSI, 1979, p. 243-4.

– Também apresento a princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura. (LOBATO, 1969, p. 128)

A partir da década de 80, surgem estudos específicos sobre os indícios de racismo envolvendo, principalmente, a relação entre Emília e tia Nastácia. As freqüentes injúrias da boneca à “pobre negra” (ou boa negra), como entendiam as pesquisas no âmbito da ideologia em suas obras infantis, seriam reflexos do preconceito racial que, por “influência”, no sentido etimológico da palavra, teria atingido o autor. Nascido em 1882, Lobato fora educado em um meio acadêmico permeado de doutrinas racistas<sup>10</sup>, como o determinismo evolucionista e o darwinismo social<sup>11</sup>;

---

<sup>10</sup> “Por volta de 1860, todavia, as teorias racistas tinham obtido o beneplácito da ciência e plena aceitação por parte dos líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa.” (...) “Os brasileiros, de regra, aceitavam o darwinismo social, em princípio, tentando apenas descobrir como aplicá-lo à sua situação nacional. Mas, para onde quer que se voltassem, encontravam o prestígio da cultura e o da ciência “civilizados” alinhados em posição de combate contra o africano.” (SKIDMORE, 1976. p. 65-6).

<sup>11</sup> Lê-se o seguinte em carta de Monteiro Lobato escrita em 1908: “ Num desfile, à tarde ... perspassam todas as degenerências, todas as formas e má-formas humanas – todas menos a normal ... Como consertar essa gente? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança! Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira, mas só em

e por isso ele não poderia ter escapado a tais correntes de pensamento.

A posição da pesquisadora Nelly Novaes Coelho é importante por propiciar a verificação da mudança na abordagem da questão racial no Sítio. Em seu livro *Literatura Infantil* (1981), a interpretação que dava a representação de tia Nastácia era a seguinte:

(...) Tia Nastácia – o símbolo idealizado da raça preta, afetuosa e humilde, que está em nossa gênese de povo e foi a melhor fonte das estórias que alimentaram a imaginação e a fantasia de gerações e gerações de brasileiros. (Aos que chamaram Lobato de racista, por criar essa personagem preta e ignorante, não perceberam que dentro de seu universo literário não há preconceito racial nenhum, pois tia Nastácia é respeitada e querida de todos. E que tirando-a do universo real onde a conheceu, ele estava sendo apenas realista. (COELHO, 1983, p. 733)

Talvez os ataques à tia Nastácia possam ser lidos através desse prisma: eles estariam, sob o signo da veracidade, subordinados à retratação “real” do negro, um ser marginal inserido num meio social distante das mudanças que se operavam, e sendo assim, não seria possível compor a negra de outro jeito: supersticiosa, ignorante, retrógrada, “boa quituteira”, dotada de famoso bom-senso etc. Entretanto, tal interpretação para a representação do

---

certas classes e certas zonas. No Rio, não existe.” (LOBATO, 1944, p. 133 – carta de fev. de 1908, apud SKYDMORE, 1976. p. 199). Como observa Skidmore: “Essas passagens foram suprimidas na versão de correspondência de Monteiro Lobato publicadas nas *Obras Completas*, v. II, p. 207.”

negro nos livros infantis de Lobato não considera sua literatura primeiramente como *literatura*, isto é, uma maneira específica de produzir uma realidade *artificial* ou “deformante”, nas palavras de Antonio Candido, por mais vínculos (particulares) que estabeleça com a nossa realidade.<sup>12</sup>

O esforço de Nelly Novaes em desvincular o preconceito (aceito agora, mas como “reflexo”, algo inconsciente) da pessoa Monteiro Lobato é evidente. Porém, ao admitir como válida a idéia, ficaríamos também tentados a ver nas já divulgadas e merecidamente reconhecidas inovações lobatianas a expressão de um renovador e incipiente *Zeitgeist* que começou a pairar na São Paulo do início do século – e ao autor caberia mais o papel de médium do que o de ficcionista. Se uma análise que baseie sua interpretação na biografia do escritor é simplista, não é menos redutora aquela que tira dele o papel de criador de uma obra artística com todas as implicações relativas a sua representação da realidade.

O problema da motivação no enfoque dado ao negro do Sítio do Picapau Amarelo, a partir da década de 1980, ganhou uma direção mais clara:

O que vamos encontrar nessa releitura de sua obra é um projeto de hegemonia burguesa que não se concretizou, derrotado que foi pela vitória do corporativismo autoritário que o Estado Novo concebeu e implantou. Nesse projeto,

---

<sup>12</sup> Cf. CANDIDO, 1965, p. 22 e 29-30.

chama a atenção o papel político de sua literatura infantil que, vista desse ângulo, deixa de ser apenas um “entretenimento para crianças”, tornando-se uma estratégia para a formação dos futuros cidadãos, encarregados de construir a democracia liberal que Lobato sonhou. (CAMPOS, 1986, p. 15-6, *apud* PENTEADO FILHO, 1997, p. 163-4)

O preconceito racial passaria a ser interpretado como parte integrante do *projeto* lobatiano; suas concepções não veriam no negro possibilidade (poderíamos dizer, lembrando Nietzsche, seu filósofo favorito, *Vontade?*) de integração nesta Nova Ordem, além da já prefigurada em setores da vida social<sup>18</sup>: negro integrado seria o subordinado.

O trabalho de Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos, *O Universo ideológico de Obra Infantil de Monteiro Lobato* (1982) é, neste sentido, um dos mais importantes estudos por empreender uma detalhada e lúcida análise de diversas tendências ideológicas nas aventuras dos moradores do Sítio. Neste livro, a afinidade do autor com a ideologia de uma burguesia progressista paulista é ressaltada. Lobato seria um “homem da elite preocupado com os problemas do povo.”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Um caso relatado por Florestan Fernandes em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* sugere como não era possível uma verdadeira integração da população negra pelo “espírito de época” paulistano: “Em 1926, um negro, filho de um professor de latim,

Nesta perspectiva, seria necessário repensar então o tópico acima discutido, o que confere, quase que inevitavelmente, à realidade na qual o autor estava imerso a responsabilidade pelo “preconceito” em seu livros. Diante do patente caráter pedagógico, ou até mesmo “doutrinário”, de sua literatura infantil, não seria o caso de questionar se a representação do negro no Sítio não foi, se não intencional, de certa forma, *funcional*, no sentido de cumprir um papel determinado em seu programa pedagógico-artístico? É certo que tal funcionalidade está ligada, através de determinada *imagem* das “pessoas de cor”, não à representação fiel da “população negra real” do início do século – o que seria desconhecer o início do movimento negro organizado<sup>14</sup>, apesar de ironicamente justificar postumamente sua existência –, mas à relação de indivíduos de determinados estratos e meios sociais com essa sociedade em vias de modernizar-se,

---

negro, muito conhecido, quis entrar nem clube de regatas. Foi barrado. O cronista Carlos de Campos Sobrinho, iniciou, pelo *Diário da Noite*, uma campanha contra essa atitude. Como resultado da posição do cronista, o jornal recebeu uma grande quantidade de cartas apoiando o gesto da diretoria do clube. A argumentação, que então se fez para justificar o clube, invocava o atraso de Cuba e outros países dirigidos por negros e cuja maioria da população era constituída de negros.” (FERNANDES, 1965. p. 16).

<sup>14</sup> A posição da população “branca” diante da organização desses movimentos é assim exemplificada: “Sob os olhos impassíveis, perplexos ou hostis dos “brancos”, ergueu-se o “protesto negro”, como o “Clarim da Alvorada”, inscrevendo nos fastos históricos da cidade dos pródomos da Segunda Abolição. Como processo histórico, portanto, esta se enquadra no contexto das inquietações e esperanças políticas, que culminaram com a revolução de 1930.” (*Id., ibid.*, p. 2).

matéria literária no *Sítio* de Lobato. A escolha por estudar o tema como parte estrutural de suas obras ganha sustentabilidade, não só pela marca caricatural de seus personagens negros e pela crítica à resistência que eles oferecem aos valores “progressistas”, mas, sobretudo, pela dificuldade de se estabelecer com precisão a motivação ou motivações do autor ao retratá-los. O problema de se buscar uma *intencionalidade* na representação que ele dá aos negros em sua literatura infantil se torna mais complexo quando notamos as constantes referências que há à prática do preconceito.

A tensão que se instala muitas vezes entre tia Nastácia e as crianças (incluindo Emília) não é apenas reflexo da “tensão real” entre distintas esferas sócio-econômicas ou culturais, já que dona Benta julga a “boa negra” utilizando-se de critérios que representam a cultura branca letrada. A alienação ocorre, embora a narrativa encene um conflito social real, porque os argumentos usados na “encenação” do debate privilegiam o *discurso do conhecimento*, encarnado em dona Benta. A criação de Lobato, ao por violentamente em contraste a cultura popular da negra e a cultura erudita dos brancos, rompe realmente com a complacência, muitas vezes ilusória, com que se retratavam os serões das *contadeiras de estórias*; mas sua transgressão não é menos alienante porque põe em destaque a desigualdade agressiva entre a cultura dos excluídos e a cultura erudita, pois a desigualdade é convertida em hierarquização. Os contos de tia Nastácia e tio Barnabé só não são incompatíveis aos ouvintes do

sítio por causa de seu valor antropológico ou quando se aproximam do modelo literário valorizado.

É a natureza dessa imagem “cristalizada” e sua funcionalidade que buscaremos mais adiante, na retratação das duas personagens. Esta, ainda que propensa a ser entendida como traço de ideologia racista, possui conseqüências importantes do ponto de vista ficcional. Não seria gratuito o relacionamento conturbado de tia Nastácia e sua cria (!), Emília, a boneca que virou gente, que na obra de Lobato encarna princípios caros ao autor.

Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa.[...] Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias do rio”. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada: – Narizinho, vovó está chamando! ... (LOBATO, 1969, p. 1)

É assim que tia Nastácia nos é apresentada no primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*. Sua ligação com a família é estabelecida pelo termo *negra de estimação*. O fato de ter criado a boneca Emília, que apontaria para seus dotes artísticos, acaba consolidando-se como reflexo de sua posição neste núcleo familiar, ao se evidenciar o resultado precário de sua obra. Criar bone-

cos é, sobretudo, um trabalho manual. Outro dado também é importante neste início da narrativa: é a metáfora para as pedras cobertas de limo (“tias Nastácias do rio”) que oferece a chave de leitura adequada para a personagem. Como as pedras, ela continuaria inerte em meio à correnteza de novidades que varrerá o Sítio. A apresentação de tio Barnabé é semelhante, no sentido de exemplificar seu alheamento em relação às mudanças no Sítio.

A hipótese, de que há um esforço em se sublinhar certas particularidades das personagens através de seu caráter racial, que poderia soar como sofisma – afinal, a inexistência de negros que compartilhem valores “progressistas” não significa que o traço racial recebe, no sítio, valor de desqualificação ou condicione sua marginalização –, torna-se verossímil quando se percebe a recorrência com que se desvaloriza os indivíduos negros:

– Então é a maravilha das maravilhas!” – observou o anjinho, entusiasmado com a vaca.[...]

– A vaca é tudo isso que acabo de dizer e ainda muito mais. No entanto, se você comparar a mais suja negra de rua com uma vaca, dizendo: “Você é uma vaca”, a negra rompe num escândalo medonho e se estiver armada de revolver dá tiro ... (*Idem*, 1972, p. 95)

– Engraçado! Vivemos no nosso mundo moderno a falar da inteligência grega e no entanto os gregos não entendem nem o que qualquer negrinho lá do sítio entende ... (*Id.*, *ibid.*, p. 113)

Cor, classe, história e cultura constituem-se enquanto elementos que, sendo indicadores particulares da presença do negro

na sociedade brasileira, impõem-se como características marcantes de tia Nastácia e tio Barnabé, representantes de valores que deverão ser ultrapassados ou “requisitados programaticamente”, por muitas vezes oporem-se o modelo de progresso difundido na ficção de Lobato.

A opção do autor por mimetizar os negros, representados peculiarmente por tia Nastácia, de forma a contrastá-los com conceitos e atitudes propagadas como modernas, criando assim um diálogo entre duas concepções<sup>15</sup> (que antes de serem fictícias são delimitadas de maneira social, cultural e racial) remete-nos a teoria de Bakhtin sobre o dialogismo. Este conceito, ao aproximar o estudo estético das esferas sócio-semânticas do texto literário, entendendo-o assim como plurilingüístico, possibilita que analisemos o posicionamento do discurso de tia Nastácia frente aos demais discursos presentes na ficção infantil lobatiana. Para estabelecer a validade dessa aplicação teórica, tomemos o livro *Viaagem ao Céu* como exemplo

A negra, ainda tonta, olhou para o menino com expressão idiotizada e respondeu: – Para mim, nós estamos na terra mesmo; e tudo que está acontecendo não passa de um sonho de fadas.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> “O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma. Uma linguagem particular no romance representa sempre o ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (BAKHTIN, 1993, p. 135).

<sup>16</sup> Cf. LOBATO, 1972, p. 18.

Enquanto as crianças se entretinham com São Jorge, tia Nastácia o espiava de longe, fazendo volta e meia um trêmulo pelo-sinal. A pobre negra não entendia coisa nenhuma do que estava se passando... [...] Enquanto conversavam, tia Nastácia, sempre à distância, rezava, e volta e meia fazia um pelo-sinal. (*Id.*, *ibid.*, p. 27)

Em *Histórias de Tia Nastácia*, livro no qual tia Nastácia aparece como narradora, podemos notar a implicação de sua caracterização (sócio-racial) na apreciação de seu repertório cultural. O lugar de destaque que ele ganharia no livro vai sendo paulatinamente minado por outra tradição. Desde o início da narrativa, instaura-se uma situação assimétrica<sup>17</sup> envolvendo tia Nastácia, símbolo da cultura popular, negra e oral, e seus ouvintes, apreciadores da cultura erudita, branca e literária.

A motivação para o livro é esclarecedora, por situar a narração dentro do horizonte proposto pelo autor. A partir de um artigo de jornal, Pedrinho entra em contato com a palavra *folclore* (explicada pelo saber etimológico de dona Benta). Vem-lhe então uma idéia:

Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia e tirar o leite do folclore que há nela. (*Id.*, *ibid.*, p. 98)

---

<sup>17</sup> Cf. LAJOLO, 2001, p. 65-73.

O povo é um grupo de pessoas das quais, definitivamente, as crianças, dona Benta e Emília não fazem parte. O povo é o outro. Ao olhar antropológico, com o qual se deve analisar os contos narrados, soma-se a crítica não apenas a seus princípios estéticos, mas também à origem e ao modo de divulgação das histórias. Os modelos de literatura requisitados são *Alice no País das Maravilhas*, *Peter Pan* e os contos de Andersen, o que é coerente com a proposta de expansão da leitura que visava à renovação da biblioteca infantil brasileira, mas acima de tudo, está de acordo com os critérios artísticos que nos remetem a tradição clássica. É inevitável ouvir ecos da *Ars Poetica* de Horácio nas críticas de Emília<sup>18</sup>. A aparente posição privilegiada de tia Nastácia, em um livro que deveria varolizá-la, é na verdade a situação de “metal de sacrifício”: estar exposto e pouco a pouco ser corroído até que reste o que deve ser preservado, ou seja, o registro literário. Observa-se que o público vai aprovando as histórias conforme elas se aproximam do padrão estético *literário*. Dona Benta, ao tomar a palavra (tia Nastácia volta aos afazeres domésticos), se detém sobre o mesmo acervo folclórico e anedótico; a diferença entre os dois contextos narrativos é que ela, ao contrário de tia Nastácia e tio Barnabé, tem acesso àquele

---

<sup>18</sup> “– Esta história ainda está mais boba que a outra. Tudo sem pé nem cabeça. Sabe o que me parece? Parece uma história que era de um jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça” (LOBATO, *op. cit.*, p. 109).

saber por meio de sua vasta ilustração, e não pelo “ouvir dizer” quase irracional que é atribuído ao repertório dos negros.<sup>19</sup>

No mundo letrado, industrializado, economicamente independente imaginado por Lobato, o lugar de negros e negras guarda uma unidade desconsoladora: eles estão lá, mas mais como uma referência a quase tudo que deve ser superado na realidade brasileira, através de uma cooptação pragmática ou eliminação, do que de fato como uma contribuição ativa à nova realidade sonhada. Obviamente, o papel dos negros no universo ficcional do autor não desempenha apenas essa função, de servir de “outro”, propício ao cômico e possibilitador da reflexão crítica sobre a massa de “excluídos inertes”, porém mesmo outras características atribuídas a eles, em sua retratação caricata, como positivas (por exemplo, o saber prático, a excelência na cozinha, o conhecimento do folclore, a ligação com o mágico, a bondade, o bom-senso) constituem o modo tradicionalista de se enxergar o “velho negro” em nossa sociedade.

A ênfase dada por comunidades urbanas “de pessoas cor” das primeiras décadas do século XX à educação mostra que o retrato de Lobato se aproximava da realidade de uma grande parte das pessoas negras. O estigma da ignorância, fundamentado no histórico da população negra paulistana, pairava realmente sobre eles. Mas a leitura de Lobato desse dado, seu “recorte” específico e a utilização que deles fez em sua narrativa infantil não são

---

<sup>19</sup> Cf. LAJOLO, *op. cit.*, pág. 69.

“realistas” no sentido de “naturais”, mas sim idéias sobre as quais se estrutura seu projeto ficcional.

O *contraste* oferecido por tia Nastácia era o *contraste* oferecido por uma face do próprio Brasil: aquela mais distante do *caráter moderno*. Por isso tia Nastácia é negra de estimação e não a ativista do movimento negro; enquanto dona Benta, sitiante sexagenária é extremamente “antenada” ao mundo. *Veracidade e realidade* seriam critérios insuficientes para se compreender a invenção do Sítio do Picapau Amarelo como metáfora de um Brasil lobatiano.

A representação do negro, por meio de tia Nastácia e tio Barnabé, com todo seu traço de crítica anti-sentimental e realce à inserção do indivíduo na nova ordem capitalista que se prefigurava, traz em si, devido à visão aguda de Lobato e seu desejo de mudança, pelo menos duas importantes previsões sobre o futuro da comunidade negra em São Paulo. A primeira delas se articula à mais que divulgada ignorância de tia Nastácia: em um país de maioria analfabeta – onde a massa de descendentes de escravos tentavam sobreviver como podiam – que caminhava rumo à industrialização, e que por isso tornava-se mais aberto à circulação de tecnologias e informações, a educação ganha relevo como o princípio redentor, não só aquele que irá transformar o caráter brasileiro e moldar-lhe definitivamente a nacionalidade, mas sobretudo aquele que irá transfigurar a imagem do próprio negro. A atenção dedicada à questão da educação nas

organizações de “homens de cor”, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, é uma prova de que o imobilismo retratado em tia Nastácia e tio Barnabé deveria ser abolido o mais rápido possível para se alcançar a cidadania efetiva. A segunda relação que poderíamos estabelecer entre o retrato racial de Lobato e a realidade do movimento negro paulista liga-se mais especificamente à inserção dessa comunidade, ansiosa por usufruir plenamente das instituições e bens da jovem República, na economia capitalista. A integração efetiva desse contingente populacional, segundo Florestan Fernandes, na sociedade capitalista de insipiente industrialização seria através do trabalho, não do tipo informal-servil que tia Nastácia exerce, tampouco o que se resume à atividade de subsistência, cultivada por tio Barnabé, mas o *trabalho assalariado*, que abriria novos campos de atuação ao negro na São Paulo urbanizada.

## Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1993.

BOSI, Alfredo. *História Concisa de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1967.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: (1882/1982)*. São Paulo: Quíron, 1983.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: EDUSP, 1965. v. II.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Democracia Racial.” *Cadernos PENESB 4*. Niterói: EDUFF, 2002.

LAJOLO, Marisa. “Negros e Negras em Monteiro Lobato”. *In: Lendo e Escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1946.

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

\_\_\_\_\_. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_. *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_. *Viagem ao Céu*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense. 1957.

PENTEADO FILHO, José Roberto Whitarker. *Os Filhos de Lobato*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora, 1997.

SEYFERTH, Giralda. “Racismo e Ideário da Formação do Povo Brasileiro”. *Cadernos PENESB 4*. Niterói: EDUFF, 2002.

SKIDMORE, Thomas. “Realidades raciais e pensamento racial depois da Abolição”. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VASCONCELLOS, Zinda Maria C. de. *O Universo ideológico de Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.